

21-05-2021

Violão

Consuello Del Pratto Dias Leite

[Assistente social. Musicoterapeuta]

Na pós-graduação de musicoterapia, na disciplina de José de Deus, um dos professores, violonista, resolvi fazer o trabalho final sobre o violão. Minha relação com a música que era puro amor, virou uma paixão. Me lembro de Zédeus reclamando do prazo do trabalho, mas ele confiava em mim, pois cada vez que eu o encontrava eu falava coisas e mais coisas da minha pesquisa e ele acabava sempre com um sorriso matinal de um dia de Sol e me dizia: *“Tudo bem, mas se não me entregar até o fim do curso você já sabe - está reprovada!”* E saía rindo e olhando pra trás. Ele nunca me disse ... mas as coisas que eu descobria sobre o violão desconfiou que ele não sabia.

Por isso ele olhava pra trás e ria, acho. De todas as coisas que aprendi, sempre que toco violão com minhas crianças, tento falar sobre o instrumento pra que elas saibam de onde vem, essas coisas, mas falo pra elas sempre prestando atenção no seu interesse - pelo brilho do olhar. E quando erro no cálculo, sempre tem alguma que fala bem timidamente: *“Tia ... toca...”* Há muito tempo aprendi que as crianças gostam de ouvir as histórias que elas gostam, não as que a gente gosta. E aí toco. Mas, aqui posso falar um pouco de minha paixão. Não que eu seja uma violonista propriamente dita. Ao contrário, toco apenas para cantar com crianças. Se quiserem podem me chamar de violonista infantil... Assim, quando chego numa turma pela primeira vez e levo o violão para as cantorias com a criançada, começo sempre perguntando se elas querem cantar e dançar. É bom salientar que todas as crianças que nunca viram um violão sabem que aquele instrumento estranho é musical e vai servir pra algazarra. Mesmo as mais pequeninhas sabem. No sertão, os instrumentos mais conhecidos são a sanfona, a zabumba, o triângulo.

Não é em todo lugar do árido e semiárido que se encontra um violão. Se a gente sair perguntando pode até achar em algum canto perdido de algum casebre, mas se não estiver quebrado, faltam cordas... Então, digo eu, pra começar, vocês sabem o que é isso aqui? Sempre tem algum(a) espertinho(a) que diz: *“é um violão.”* E onde é que tem violão por aqui? Eu pergunto e elas ficam caladas. Aí eu aponto pras árvores da caatinga em volta e falo: ó pessoal cada árvore dessa pode ter um violão dentro dela dormindo. Pacoté, Craibeira, Angico, Aroeira, Baraúna, Pau d’arco, Juazeiro, Mangabeira... Ixe!! ... É muita árvore... (e eu nem sei se essas árvores são próprias pra fazer violão), mas aí pergunto de novo: por que pode ter um violão dormindo dentro delas? Geralmente o mesmo espertinho ou espertinha logo fala: *“é porque o violão é feito da madeira da árvore.”* Muito bem!! Exulto. Aí eu provoco. E se alguém resolver transformar todas as árvores em violão? Silêncio. ... E aí lá vem o/a espertinho/a, falando a seu jeito que ia sobrar violão e faltar árvore. Muito bem! É por isso que a gente tem que fazer muito violão mas sem acabar com as árvores. Já pensaram se a gente aqui só tivesse violão e não tivesse árvore?

Logo outra criança arrisca que a gente ia ter que cantar e dançar sem sombra. Ia ficar muito quente demais. As escolas do sertão geralmente tem árvores em volta. Quando pergunto então o que fazer, logo uma delas responde. Quem tiver um violão tem que plantar uma árvore. Parabéns, exclamo!

Enquanto nenhuma das crianças pede pra eu tocar, eu continuo minha ladainha e pergunto de que mais é feito o violão? Coloco o instrumento pra passar de mão em mão. Olhares curiosos.... Tia, tem corda. Isso aqui é osso.

É pintado com tinta. Tem seis linhas. A volta do buraco é bonita. Tendo comentar cada observação.

Essas cordas são de náilon. Alguém sabe o que é?

Logo uma menina responde que tem uma blusa de náilon.

“Meu pai comprou na feira de Caruaru”, ela conta.

E esse osso é de que? É de bode? Logo respondem que é de boi.

Eu adoro gastar a expressão *Muito bem!* com a criançada.

E essa tinta aí ... que tinta é essa? Ninguém se arrisca ... silêncio. Eu falo que é verniz. É aquele tipo de tinta que não pinta, só dá um brilho pra madeira ficar mais bonita. Logo um

fala que sua mãe passa verniz no armário da sala. E essa volta do buraco, por que você achou bonito? A linda caboclinha, muito tímida, fala baixinho: *“tem muito desenho...”* Aí eu pergunto e pra que que serve esse buraco no meio do violão ... silêncio. Como ninguém quer falar, eu vou mostrar pra vocês pra que serve esse buraco. Pego o violão, peço pra todo mundo dar as mãos e toco *Ciranda Cirandinha*.

Os maiores parecem que não gostam muito de brincar de roda com uma das mais famosas canções infantis do Brasil, mas finjo que não entendo. Depois, pego um papelão que já tenho guardado na capa do violão, tapo o buraco e toco de novo.

“Ih, Tia, fica esquisito...” Aí falo que é por isso que a volta do buraco tem que ser bonita e desenhada. É do buraco que vem o som bonito do violão. Toco mais umas duas músicas, peço à criançada pra cantar e dançar e saio correndo olhando pra trás, como fazia Zédeus.

Acabada a algazarra, volto às papeladas que a burocracia escolar exige. A alegria de meu rosto se mantém durante algum tempo, mas a tristeza pelas minhas crianças, pelas crianças do Brasil, começa a invadir meu corpo. Começa na pele que absorve o silêncio da pequena sala que me envolve em papéis e relatórios. Começo a ler, sinto arrepios. Relatos de mães que não receberam o bolsa família, pedidos de pais por emprego, cartas endereçadas às professoras pedindo dinheiro pra comida e caixão. De outro lado, exigências e novas normas da secretaria de educação, pedidos de prestação de contas, comunicados de licenças e de falecimentos de professores da rede na Pandemia, pedidos de averiguação de evasão escolar, uma interpelação sobre o prazo do relatório anual e circulares sobre a ética no serviço público. Nessa hora tenho uma certa ânsia de vômito. Nenhum papel que traga uma boa notícia.

A alegria da cantoria vai dando lugar a uma profunda tristeza, às vezes dói o estômago, às vezes a cabeça, mas sempre as lágrimas comparecem. Nem sempre consigo guardá-las para derramá-las quando estou em meu pequeno e velho carro indo embora. E a frase que sempre me acompanha é: *“Meu Deus, o que estão fazendo com as crianças do Brasil?”* ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.